

ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO E AMEAÇA À FACE DA COMPETÊNCIA EM UM DEBATE POLÍTICO

Roberta Fernandes Pacheco
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo identificar as estratégias de proteção e ameaça aos desejos de face utilizadas pelos participantes de um debate político — o programa 59” (cinquenta e nove segundos) da televisão espanhola —, na negociação / coconstrução da *face da competência* que envolve o desejo de aprovação das competências e habilidades do *self* e do *outro*. Na construção de uma interface entre o conceito de face da competência, proposto por Lim e Bowers (1991), e o modelo de *trabalho de face* de Robyn Penman (1990), a análise permite identificar essas estratégias através da apresentação ou contestação de informação/ pontos de vista que constituem a agenda tópica deste debate.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho de face, face da competência, debate político.

ABSTRACT: *This study aims to identify the strategies used by participants of a political debate – program “59 (fifty-nine seconds) of the Spanish television – to protect and threaten the face wants during the negotiation / co-construction of the competence face which involves the desire for approval of the self and the other’s skills and abilities. Based on the literature on face and facework, we have proposed to build an interface between the concept of the competence face (Lim and Bowers, 1991) and Robyn Penman’s (1990) facework model. In the analysis we could identify these strategies through the presentation or defense of the information / points of view that constitute the agenda of this debate.*

KEYWORDS: *facework, competence face, political debate.*

Introdução

Os *trabalhos de face* negociados, em situações potencialmente conflituosas, requerem dos participantes envolvidos uma maior colaboração na elaboração das *faces*¹ (GOFFMAN, 1980). Se essa situação conflituosa está atrelada à exposição pública na mídia, como em um debate televisivo, os participantes ainda estão sujeitos à formação da opinião pública, que julga e determina o melhor debatedor. Na disputa pelo “vencedor”, os debatedores reivindicam face orientados, simultaneamente, para a defesa da face do *self* e para a ameaça à face do *outro*.

No debate político analisado aqui, os participantes são jornalistas conhecidos no cenário espanhol que debatem questões políticas, apresentando ou contestando evidências em prol de seus pontos de vista. O conhecimento dessas evidências perpassa a capacidade profissional do jornalista, sendo de sua competência atestar a veracidade das informações discutidas. O jornalista, então, negocia constantemente a *face da competência* (LIM e BOWERS, 1991), reivindicando-a no curso da interação. Reivindicar a face da competência, segundo Lim e Bowers, é reclamar para si ou para o outro, em função de realizações anteriores, a capacidade de realizar com sucesso ações futuras, e ameaçá-la é exatamente duvidar dessa capacidade.

Orientados para a face da competência, os debatedores utilizam estratégias de trabalho de face, envolvendo dois movimentos principais: à ameaça e/ou agravamento da face do outro; e ao aumento e/ou proteção da face do *self*. Na busca por identificar esses movimentos, na negociação da face da competência, utilizaremos o modelo de trabalho de face proposto por Penman (1990) no qual as metas comunicativas são de natureza multifuncional e negociadas no discurso.

A metodologia de pesquisa é centrada em uma abordagem interacional, em que a análise aplicada considera a natureza constitutiva da coconstrução e negociação enquanto processos interacionais, abrangendo a colaboração, cooperação e coordenação entre os participantes do discurso (SILVEIRA, 2007). O estudo é de natureza qualitativa e interpretativa, baseado em um estudo de caso. Compõem o *corpus* gravações do programa de debate televisivo espanhol intitulado *59*” (cinquenta e nove segundos), transmitido em rede nacional espanhola pela *TVE* (televisão espanhola). O programa é composto por seis jornalistas-debatedores que possuem a função institucional de debater temas de caráter sociopolítico relacionados ao Estado Espanhol.

¹ Goffman define face como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (1980:76-77)

Nas seções subsequentes, apresentamos e discutimos a noção de face da competência e as principais estratégias de trabalhos de face, usadas pelos participantes deste tipo de atividade na construção de uma apresentação positiva do *self*.

1. A Face da Competência

Como construto social e eminentemente interacional, face é reivindicada no fluxo dos eventos de fala (GOFFMAN, 1980), na relação do eu com os outros participantes do discurso, sendo uma dada face reivindicada dentro de uma dada situação, na qual é negociada e coconstruída. Considerando o contexto na construção da face, o jornalista no debate reivindica a face profissional; o desejo de aprovação de suas habilidades que abrangem o conhecimento do tópico discutido, assim como a capacidade de argumentar na defesa de sua posição no debate. O desejo de aprovação é vinculado à *face positiva* em Brown e Levinson (1987). Esses autores distinguem entre dois tipos de face: (i) a face positiva, que se refere ao desejo de ter uma imagem do *self* consistente, apreciada e aprovada pelos outros; e (ii) a *face negativa* que envolve o desejo de não sofrer imposição em suas ações e na preservação da autonomia e da territorialidade.

A distinção entre face positiva e face negativa tem como pressuposto a existência de dois desejos básicos de face, norteando as ações humanas. No entanto, Lim e Bowers (1991) argumentam que a face positiva tem duas dimensões distintas que precisam ser consideradas:

(i) O desejo dos atores sociais de serem incluídos; desejo este apoiado por expressões de entendimento, afeição ou solidariedade e ameaçado por expressões de emoções negativas e violentas;

(ii) O desejo de ter suas capacidades respeitadas, apoiado por avaliações positivas ou reconhecimento formal de tais qualidades e ameaçado por críticas (cf. 1991:420).

É necessário, então, na abordagem de Lim e Bowers, distinguir entre o desejo de ser incluído e o de ser respeitado, além do desejo de autonomia (face negativa), ao analisar os distintos desejos de face reivindicados ou ameaçados na interação.

Para dar conta desses três tipos de desejos de face, Lim e Bowers (1991) propõem três tipos de trabalhos de face: o *tato*, a *solidariedade* e a *aprovação*. O *tato* corresponde ao desejo de se ter a *face da autonomia* preservada, que seria

basicamente o proposto por Brown e Levinson (1987) na conceitualização de face negativa. Este tipo de face inclui valores como independência, iniciativa, criatividade, maturidade, compostura, autossuficiência. Quando as pessoas reivindicam estes valores, desejam ficar livres da interferência, controle ou imposição dos outros (cf. BROWN e LEVINSON, 1987).

A *solidariedade* implica o desejo de ser incluído, de pertencimento de grupo. O desejo de inclusão é reivindicado na *face da camaradagem*. Este tipo de face inclui valores como amizade e cooperação. Quando o indivíduo reivindica este valor, quer ser visto como uma companhia desejável, enquanto membro de um grupo.

A *aprovação* envolve o desejo de o indivíduo ter suas capacidades respeitadas através da reivindicação da *face da competência*. Este tipo de face, relevante em nossos dados, enfatiza valores como conhecimento, inteligência, sabedoria, experiência, influência e prosperidade. A reivindicação desses valores fundamenta-se em realizações passadas, boa reputação, gerando a expectativa de que o ator social desempenhará com sucesso ações futuras. Quando as pessoas reivindicam para si estes valores, querem que os outros reconheçam seu sucesso e respeitem suas aptidões/habilidades/capacidades. No entanto, quando estes valores são postos em questionamento pelo outro na interação, isso gera uma séria ameaça à face da competência, ainda mais em situações em que as identidades profissionais e tarefas institucionais associadas às mesmas estão em evidência. No debate, a face da competência é constantemente reivindicada e ameaçada, na medida em que os jornalistas disputam o conhecimento da informação em pauta, negociando/coconstruindo pontos de vista, no curso da interação.

2. Estratégias de reivindicação da Face da Competência

O debate, como situação de conflito, pode ser considerado, nos termos de Goffman (1980), como um encontro social que se transforma em uma arena de competição, em que os participantes têm como objetivo marcar o maior número de pontos para o *self*. Neste jogo, os participantes procuram salvar as suas próprias faces implicando com isto fazer com que o outro *perca a face* ou *apareça fora de face*. Nessa disputa, os debatedores se utilizam de estratégias, tanto para enaltecer ou proteger sua face, quanto ameaçar ou agravar a face do outro.

Na busca por identificar estas estratégias, recorreremos ao modelo de trabalho de face proposto por Penman (1990), visto que este modelo nos parece mais adequado para se explicar os trabalhos de face realizados em encontros sociais em que há um conflito aberto de interesses entre os participantes. O modelo parte

do pressuposto de que as estratégias de trabalho de face são multifuncionais, com metas comunicativas construídas e reconstruídas em conjunto no curso da interação. A autora considera que um modelo de trabalho de face precisa dar conta da multiplicidade de metas comunicativas atuando no discurso e da multifuncionalidade das suas escolhas, seja em relação aos desejos de face, seja em relação a seus efeitos.

A partir da dimensão respeito/ desprezo (HARRÉ, 1979) pela face dos atores sociais, as estratégias de trabalho de face se orientam a quatro distintos efeitos comunicativos, de acordo com a meta interacional pretendida: (i) mitigar/aumentar e (ii) proteger, na dimensão do respeito pela face do *self* e/ou a do outro; (iii) ameaçar e (iv) agravar/ depreciar, na dimensão do desprezo pela face do *self* e/ou a do outro.

As principais dimensões que estruturam o modelo de trabalho de face de Penman (1990) podem ser resumidas, conforme quadro a seguir:

META	RESPEITO		DESPREZO	
EFEITOS	Mitigar/ Aumentar	Proteger	Ameaçar	Agravar/ Depreciar
FACE	Positiva /		Negativa	
ATOR	<i>Self</i> /		Outro	

Quadro 1: Modelo Resumido de Trabalho de Face (PENMAN, 1990)

A autora ainda considera em seu modelo a abordagem (in)direta das metas comunicativas, destacando as estratégias de proteção e ameaça como realizadas indiretamente pelo ator social e as estratégias de mitigar/aumentar e agravar/ depreciar como sendo diretas.

Como mostra o quadro 1, o modelo recupera a distinção conceitual entre face positiva e face negativa apresentada por Brown e Levinson (1987). Neste artigo, seguiremos este modelo, no entanto, adotaremos a conceitualização dos tipos de face discutidas por Lim e Bowers (1991), ou seja, substituiremos a face negativa pela face da autonomia, assim como a face positiva pela face da competência. Como a face positiva implica, na discussão de Lim e Bowers (1991), em trabalhos de face voltados tanto à solidariedade quanto à aprovação e considerando que o desejo de inclusão reivindicado na face da camaradagem não se coloca em evidência em nossos dados, acreditamos que ao substituir estes termos conseguimos abordar de forma mais apropriada o que de fato ocorre interacionalmente no corpus, em relação aos desejos de face reivindicados pelos jornalistas, voltados à aprovação de suas capacidades profissionais.

Os trabalhos de face orientados para a face da competência, em nossos dados, se voltam para dois movimentos: ao aumento/mitigação e/ou proteção do *self*; e à ameaça e/ou agravamento/depreciação do outro. Isso se justifica devido à situação de conflito na qual os participantes estão expostos, em que o salvamento do *self* é muitas vezes realizado em função da ameaça à face do outro. Não é de interesse do participante do debate aumentar ou proteger a face do outro, assim como movimentos de ameaça e agravamento do *self* não são observados (PACHECO, 2010).

Seguindo a adaptação ao modelo de Penman (1990) realizada em estudos anteriores (SILVEIRA e GAGO, 2005; PACHECO, 2010), apresentamos nos quadros a seguir as estratégias de trabalhos de face utilizadas pelos participantes neste corpus, como ponto de partida para a análise que se segue:

FACE	AUMENTAR/ MITIGAR	PROTEGER
Competência	<ul style="list-style-type: none"> – dizer coisas positivas sobre o <i>self</i> – defender confiabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> – defender veracidade – omitir/ evitar respostas diretas – buscar evidências comprovando a argumentação – negação insistente do desacordo – interromper a contestação da evidência
Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> – recusar orientações 	<ul style="list-style-type: none"> – defender direitos

Quadro 2: Estratégias direcionadas ao *self*.

FACE	AMEAÇAR	AGRAVAR/ DEPRECIAR
Competência	<ul style="list-style-type: none"> – interromper em desacordo 	<ul style="list-style-type: none"> – corrigir informação – expor inconsistência – questionar racionalidade – questionar veracidade – questionar credibilidade
Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> – interromper o turno 	<ul style="list-style-type: none"> – impedir a mudança de tópico

Quadro 3: Estratégias direcionadas ao outro.

3. Análise

Para ilustrar os principais usos das estratégias de trabalhos de face neste contexto, escolhemos algumas ocorrências para iluminar a nossa discussão dos dados. Para essas ocorrências, serão selecionados os turnos de fala que têm como tema o julgamento dos acusados pelo atentado terrorista à rede ferroviária de Madri, capital da Espanha, no dia 11 de março de 2004, que é conhecido até hoje pela sigla 11M. Até a atualidade, este atentado é considerado o mais grave cometido no país, com cerca de dez explosões quase simultâneas, matando cento e noventa e uma pessoas e ferindo aproximadamente mil e setecentas.

Durante o debate há um questionamento sobre um possível relatório entregue pelo ex-diretor geral da polícia, Díaz de Mera, após o atentado, que comprovaria a culpabilidade do grupo separatista espanhol *ETA*² e não a do grupo *Al Qaeda*, de liderança do até então, Osama Bin Ladem, que de fato assumiu o atentado com a justificativa de retaliação ao apoio Espanhol aos Estados Unidos, após o atentado de 11 de setembro de 2001 ao *World Trade Center*, em Nova York.

Uma importante estratégia de trabalho de face, segundo o modelo aqui utilizado (quadros 1, 2 e 3), consiste em *dizer coisas positivas sobre o self* (cf. quadro 2). A fala de Ernesto ilustra essa estratégia:

Excerto (1)³

4 bueno yo creo que diaz de mera ha estado como ya he dicho yo en la prensa

5 local y estoy segu::ro una vez que trabajo hace tiempo en el campo y >la
6 fiabilidad que tengo como periodista he conseguido el once<

7 entonces enseguida del dia el día veintiocho que llama diaz de mera a
enric y

8 le pide un favor, claro, porque diaz de mera ha estado en el local y ha
mentido

9 es decir que no hay tal informe () y poco declara diaz de mera ante
el juicio⁴

² O grupo separatista espanhol ETA (*Euskadi Ta Askatasuna: Pátria Vasca e Liberdade*) trava uma luta armada há mais de cinquenta anos no território espanhol em busca da independência da região do País Vasco, no norte da Espanha.

³ As traduções dos excertos expostos no decorrer do texto encontram-se em anexo. Para facilitar a leitura do artigo, usaremos as notas para as traduções imediatas dos fragmentos analisados.

⁴ Transcrição dos dados realizada segundo convenções de Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974.

Ernesto inicia sua fala com o propósito de reafirmar — *como ya he dicho yo en la prensa local*⁵ — a presença de Díaz de Mera no local do atentado: *díaz de mera ha estado en el local*⁶ (l. 8). No entanto, entre o início da fala e a afirmação de fato, Ernesto, nas linhas 5 e 6, ressalta sua experiência profissional em uma reivindicação da face da competência, garantida pelo tempo em que desempenha a profissão de jornalista — *trabajo hace tiempo en el campo*⁷ (l. 5) —, assim como seu prestígio na função: *la fiabilidad que tengo como periodista he conseguido el once*⁸ (l. 5-6). Essa ‘interrupção’ da evidência apresentada serve ao propósito de aumentar a face da competência do *self*, reivindicando a confiabilidade evidenciada na competência jornalística e, com isso, passar à audiência a segurança — *estoy seguro*⁹ (l.5) — com que constrói o argumento, apresentando-o em defesa de sua posição desfavorável ao comportamento de Díaz de Mera.

Nos turnos de fala a seguir ao turno de Ernesto, os participantes Jose Antonio e Margarida trazem à discussão o tema das possíveis conexões entre grupos terroristas na realização do atentado do 11M.

Excerto (2)

Jose Antonio:

- 22 es importan:te el tema de las posibles conexiones con eta porque
alguna
23 conexion con eta si que parece que hay no en lo que se refiere a la
autoria
24 pero sí que habia conexiones de chino habia conexiones de >gentes
del
25 mundo< de los islamitas, que conocieron
26 [gente de eta]

Margarita:

- 27 [claro que lo] hay el autobus que >une (la calle) con la plaza de cas-
tilla<
28 <[todos lo saben no?]>

⁵ “como eu já disse nos meios de comunicação locais”.

⁶ “díaz de mera esteve no local”.

⁷ “faz tempo que trabalho na área”.

⁸ “a confiança – o respeito – que tenho como jornalista consegui no onze”. O termo “el once” faz referência ao atentado de 11 de março de 2004 que é conhecido na Espanha exatamente pelo termo *el once*.

⁹ “tenho certeza”.

Jose Antonio:

29 [claro claro () no] no digo que no conozco esta relacion es que hay
que
30 investigarla

Neste excerto, a contestação da evidência de Jose Antonio feita por Margarita, através da interrupção e de seu posicionamento, realiza um trabalho de face cuja meta comunicativa é a de agravar/depreciar a face do outro.

A interrupção de Margarita ameaça não só a face da autonomia de José Antonio na tomada de turno, como também agrava sua face da competência ao expor inconsistência em seu discurso. José Antonio se mantém no campo das possibilidades da informação — *posibles conexiones, alguna conexión, parece que*¹⁰ — não demonstrando certeza no fato que apresenta. Margarita, então, substitui o discurso da possibilidade pelo discurso da certeza — *claro que lo hay*¹¹ [a conexão] — e ainda termina afirmando que *todos saben*¹² que a conexão é evidente. A debatedora questiona a racionalidade do argumento de Jose Antonio ao levar a informação para o senso comum, afinal se todos conhecem que há conexões com ETA, não há porque o jornalista/debatedor mitigar este fato abordando-o como possibilidade.

Nem sempre a interrupção é usada unicamente como ameaça ou agravamento da face do outro em nossos dados. Em algumas ocasiões, o seu uso serve também como estratégia de proteção do *self* a uma iminente ameaça. Na sequência de turnos a seguir essa questão se exemplifica:

Excerto (3)

Isabel:

108 protegerlo de quien? de como por ejemplo irse a la carcel como lo
que paso 109 a un policia encarcelado por hablar con fernando lazaro
periodista >del
110 mundo< y que tuvo que salir de la carcel bajo fianza por >cuestion
111 popular<
117 claro que hay miedo en la policia por parte de la policia a revelar
118 determinadas cosas y hablar con determinadas personas, hay miedo
porque

¹⁰ possíveis conexões, alguma conexão, parece que”.

¹¹ “claro que existe”.

¹² “todos sabem”.

119 hay represalias

Jose Maria:

122 cabe al señor diaz de mera si tiene una hipotesis si tiene un informe
lo que

123 tiene que hacer es presentar este informe y si no presenta el informe
lo que

124 tenemos que pensar además es que está mintien:do, hay policias
que

125 cometen delitos y se van a la carcel igual que hay periodistas que
cometen

126 delitos y se van a la carcel no todos los policias son buenos por de-
finición

127 hay algunos que cometen delitos y que por tanto=

Isabel:

128 =hablar con un perio[dista () >(un periodista)<]

Jose Maria:

129 [es que si me permite, perdón] si es si posi::ble acabar

130 posible acabar yo agradezco el detalle, hay policias que cometen
delitos y

131 se van a la carcel como cualquier ciudadano en este país, eso es lo
que ha

132 pasado a juanez que le ha multado por no colaborar (predictamente)
con

133 la justicia que es la obligacion de un policia y claro este señor estaba
en

134 autoridad de policia

No excerto (3), Isabel retoma uma discussão anterior sobre a decisão de Diaz de Mera de omitir os nomes dos policiais envolvidos na investigação do atentado e na realização do suposto relatório que comprovaria a autoria do grupo ETA no 11M. Isabel, então, mostra-se favorável a esta posição apresentando como evidência um fato ocorrido no passado com um policial que foi preso por dar uma entrevista ao jornalista Fernando Lázaro — l. 108-111 —, o que justificaria o medo da polícia em revelar certas informações (l. 117-119).

No turno subsequente, entre as linhas 122 a 124, Jose Maria argumenta contra a posição de Díaz de Mera, acusando-o de mentir, uma vez que não apresenta o suposto relatório com as implicações de ETA no 11M. O jornalista, a partir da linha 124, passa a discordar da evidência apresentada por Isabel em

relação ao policial preso, pois segundo ele, o policial — Juanez — não cumpriu com o seu dever de colaborar com a justiça e por isso foi preso. A interrupção de Isabel na linha 128 é uma tentativa de proteger sua face da competência na defesa da veracidade do argumento, e, ao mesmo tempo, é uma ameaça à face da autonomia do outro. A debatedora nota na fala de Jose Maria (l. 124-127) um possível agravamento de sua face, pois implica o questionamento da veracidade da informação dada por ela. Esse agravamento se concretiza na retomada do turno de José Maria, na linha 129, em uma discordância direta a evidência apresentada por Isabel: *lo que ha pasado a juanez que le ha multado por no colaborar (predictamente) con la justicia que es la obligacion de un policia*¹³ (l. 131-133).

Em outro trecho do debate, Isabel também usa a interrupção como proteção do *self*. Neste trecho, Margarita corrige duas informações dadas por Isabel em um agravamento de face, ao mostrar uma suposta falha na evidência apresentada:

Excerto (4)

Isabel:

- 174 el gobierno tenia que intensificar la lucha contra el terrorismo de eta
y por
175 supuesto instar la ilegalizacion del partido comunista a las tierras
vascas
176 cuyo organizador de la campaña electoral es un miembro del grupo
(donosti)
177 detenido el otro día y el que le sujeta el paraguas al lado de él ().
es decir un
178 terrorista de partido comunista de las tierras vascas y de batazuna¹⁴
que
179 demuestra que todo es un unico un único mundo terrorista

Margarita:

- 180 bueno, has hecho un poco de lío en cuanto a las per[sonas]

Isabel:

- 181 [no]

¹³ “o que ocorreu com juanez é que ele foi punido por não colaborar (de fato) com a justiça que é obrigação de um policial”.

¹⁴ Batazuna era o líder do Partido Comunista da comunidade do País Vasco no período correspondente entre o atentado e o julgamento e, por conseguinte, o período também da gravação destes dados.

Margarita:

182 quien aguantaba el paraguas era un miembro del comando

183 [pero no del partido comunista de las tierras vascas]

Isabel:

184 [() sí que hace las campañas del partido comunista]

185 >hace campaña en las tierras [vas]cas<

Margarita:

186 [NO]

Isabel:

187 >sí sí sí< el que hace las campañas electorales del partido comunista
en las

188 tierras vascas [sí sí sí...sí]

Margarita:

189 [en todo ca]so la ley de partidos preve establece que a que fue

190 uno por una persona de ese origen no seria argumento para ilegalizarlo

191 tendría que haber varias

No excerto (4), Isabel oferece duas informações. A primeira se refere à atitude do governo que deveria tornar ilegal o partido comunista no País Vasco, comunidade ao norte da Espanha que é base de luta do grupo separatista ETA: *instar la ilegalización del partido comunista a las tierras vascas*¹⁵ (l. 175). Na segunda, ela faz referência a um vídeo mostrado antes de seu turno em que havia dois homens em um palanque político, sendo que um era o organizador da campanha eleitoral do partido comunista às terras vascas e o outro um membro do comando do mesmo partido que segurava um guarda-chuva ao seu lado: *cuyo organizador de la campaña electoral es un miembro del grupo (donosti) detenido el otro día y el que le sujeta el paraguas al lado de él*¹⁶ (l. 176-177).

Margarita, ao iniciar seu turno na linha 180 aponta as supostas falhas na informação dada por Isabel, corrigindo-as. Primeiro, em relação à pessoa que segura o guarda-chuva, afirmando que tal pessoa não é do partido comunista: *quien aguantaba el paraguas era un miembro del comando [pero no del partido comunista de las tierras vascas]*¹⁷ (l. 182-183). Isabel contesta essa correção

¹⁵ “tornar ilegal o partido comunista das terras vascas”.

¹⁶ “cujo organizador da campanha eleitoral é um membro do grupo (donosti) preso outro dia e o outro é quem segura o guarda-chuva ao seu lado”.

¹⁷ “quem segurava o guarda-chuva era um membro do comando [mas não do partido comunista das terras vascas].

em três interrupções — nas linhas 181, 184-185, 187-188 —, reafirmando sua posição de que o indivíduo que estava no palanque é o responsável pelas campanhas eleitorais do partido comunista nas terras vascas. Nestas interrupções, Isabel nega insistentemente a suposta falha que marca o desacordo na interação, em uma tentativa de proteção do *self* agravado por Margarita.

A segunda falha diria respeito a motivação para tornar ilegal o partido comunista. Segundo Margarita, nas linhas 189 a 191, a lei de partidos estabelece a necessidade de que haja mais de um argumento para tal procedimento, não sendo desta forma válida a informação de Isabel.

Nota-se como o turno de Margarita é uma discordância direta ao de Isabel e composto puramente por correção de informação, em um agravamento à face da competência de Isabel. Margarita apresenta argumentos que contestam a capacidade profissional de Isabel, ou seja, sua credibilidade, pois como jornalista/debatedora não lhe é permitido institucionalmente confundir personagens do cenário político espanhol.

Considerações finais

A ameaça/agravamento da face do outro e o aumento/proteção da face do *self* são os principais movimentos de trabalho de face executados pelos debatedores, na reivindicação da face da competência na interação institucional a que estão inseridos. Isto nos permite defender que os trabalhos de face em jogo no debate giram com mais intensidade em torno de dois cerne que se tornam opostos na disputa em andamento: enquanto o debatedor protege a sua face, busca depreciar a face do outro.

Esses movimentos ocorrem com frequência de forma simultânea e sequencial no discurso, ressaltando então a necessidade, ao *olhar* para a construção de face na interação, de considerar a multifuncionalidade das metas comunicativas e seus efeitos interacionais, para só então definir que trabalho de face está sendo construído pelo ator social.

A ausência de outros movimentos de trabalho de face pode ser justificada pelo tipo de atividade e pela força da exposição pública, via televisão. No debate, o debatedor busca de todas as formas evitar o agravamento de sua face, pois está em jogo a disputa pelo convencimento da opinião pública e da afirmação de capacidade profissional na reivindicação da face da competência. De forma semelhante, ele não eleva ou protege a face do outro, pois estaria assim dando oportunidade ao outro de vencer esta disputa em andamento na interação.

Cabe aqui uma ressalva em relação à (in)diretividade na abordagem das metas comunicativas no modelo de Penman (1990) aplicadas a nossos dados. Segundo o modelo, as estratégias de proteção e ameaça eram feitas indiretamente, enquanto as de aumento/mitigação e agravação/depreciação eram diretas. No debate, as estratégias eram em sua maioria diretas para todos os efeitos. As poucas estratégias indiretas ocorridas não foram suficientes para uma classificação definida no quadro. Portanto, se considera com esta análise que as estratégias de trabalhos de face orientadas para a face da competência observadas no debate foram realizadas diretamente pelos participantes.

Por fim, este trabalho nos permite concluir que os desejos de face estão em uma balança nem sempre equilibrada. Causar a perda da face do outro, muitas vezes, é a meta da interação. Neste contexto, o foco está na construção da face do *self*, nem que para isso ameace ou agrave a do outro. Porém, o problema é que se o participante realiza esse trabalho de face de modo agressivo como numa situação de conflito aberto, ele pode perder sua face também. Num debate público, é pressuposto que haja um ganhador, pois para a audiência alguém foi melhor e, portanto, o outro foi derrotado.

Referências bibliográficas

- BROWM, Penélope; LEVINSON, Stephen. *Politeness some universal in language usage*. Cambridge, Cambridge University Press, [1978] 1987.
- GOFFMAN, Erving. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Garden City, NY: Doubleday Achor Books, 1959.
- _____. A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais da Interação Social. In.: FIGUEIRA, Servulo (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, [1967] 1980, p. 76-114.
- GRICE, Paul. Logic and Conversation.: In: Cole e Morgan (eds) *Syntax and Semantics. V. 3 Speech Acts*. Nova York: Academic Press, 1975.
- HARRÉ, Rom. *Social Being*. Oxford: Blackwell, 1979.
- LIM, Tae-Seop e BOWERS, John Waite. Facework: Solidarity, Approbation, and Tact. *Human Communication Research*. V. 17 (3), 1991, p. 415-450.
- PACHECO, Roberta. *A aplicabilidade do modelo de polidez de Robyn Penman em um debate televisivo no espanhol*. Comunicação apresentada na III Semana de Letras da UFJF, Juiz de Fora, MG, 08-12 de novembro 2010.
- PENMAN, Robyn. *Facework and Politeness: Multiple Goals in Courtroom Discourse*. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 9, 1990, p. 15-38.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. e JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, 50 (4), 1974, p. 696-735.

SILVEIRA, Sônia. Uma Perspectiva Interacional em Linguística. In.: VASCONCELLOS, Z.; AUGUSTO, M. e SHEPHERD, T. *Linguagem, Teoria, Análise e Aplicações* (3). Editora Letra Capital, Rio de Janeiro, 2007, p. 8-17.

_____; GAGO, Paulo. Trabalhos de face em situações de conflito: a audiência de conciliação do PROCON como atividade de fala. In.: OLIVEIRA, Maria do Carmo *et al* (eds.) *Comunicação, Cultura e Interação em Contextos Organizacionais*, Rio de Janeiro: Papel virtual Editora, 2005, p. 397-411.

Anexo

Excerto (1)

bom eu acho que diaz de mera esteve como eu já disse nos meios de comunicação locais e tenho certeza:za uma vez que trabalho faz tempo na área e

>a confiança que tenho como jornalista consegui no onze<
então depois do dia o dia vinte e oito que liga diaz de mera para enric e lhe pede um favor claro porque diaz de mera esteve no local e mentiu quer dizer que não existe tal relatório e () pouco declara diaz de mera no julgamento

Excerto (2)

Jose Antonio:

é importante o tema das possíveis conexões com eta porque alguma conexão com eta sim parece que existe não no que se refere à autoria mas sim que havia conexões dos chineses havia conexões de >pessoas do mundo< dos islamitas, que conheceram [membros do eta]

Margarita:

[claro que há] conexão o ônibus que >une (a rua) com a praça de castilla<

<[todos sabem disso não?]>

Jose Antonio:

[claro claro () não] digo que não conheço esta relação é que tem que investigá-la

Excerto (3)

Isabel:

protegê-lo de quem? de como por exemplo ir a prisão como aconteceu a um policial que foi preso por falar com fernando lazaro jornalista do >el mundo< e que só saiu da prisão por fiança depois de >reivindicação popular<

claro que existe medo na polícia por parte da polícia em revelar determinadas coisas e falar com determinadas pessoas, há medo porque há represarias

Jose Maria:

cabe ao senhor diaz de mera se tem uma hipótese se tem um relatório precisa apresentá-lo e se não o apresenta passamos a pensar que está mentindo, há policiais que cometem delitos e são presos da mesma forma há jornalistas que cometem delitos e são presos nem todos os policiais são bons por definição há alguns que cometem delitos e que portanto=

Isabel:

=falar com um jorna[lista () >(um jornalista)<]

Jose Maria:

[pois se me permite, desculpa] se é possí::vel terminar possível terminar eu agradeço o detalhe, existem policiais que cometem delitos e são presos como qualquer cidadão neste país, isso foi o que ocorreu com juanez que foi punido por não colaborar (de fato) com a justiça que é a obrigação de um policial e claro este senhor estava na autoridade de policial

Excerto (4)

Isabel:

o governo deveria intensificar a luta contra o terrorismo de eta e sem dúvida tornar ilegal o partido comunista das terras vascas cujo organizador da campanha eleitoral é um membro do grupo (donosti) preso outro dia e o outro é quem segura o guarda-chuva ao seu lado (). quer dizer um terrorista do partido comunista das terras vascas e de batizona que demonstra que tudo isso é um único um único mundo terrorista

Margarita:

bom, você fez uma pequena confusão em relação às pe[ssoas]

Isabel:

[não]

Margarita:

quem segurava o guarda-chuva era um membro do comando

[mas não do partido comunista das terras vascas]

Isabel:

[() sim aquele que faz as campanhas do partido comunista]

>faz a campanha nas terras [vas]cas<

Margarita:

[NÃO]

Isabel:

>sim sim sim<aquele que faz as campanhas eleitorais do partido comunista nas terras vascas [sim sim sim...sim]

Margarita:

[em todo ca]so a lei de partidos prevê estabelece que a que tenha um por uma pessoa dessa origem não seria argumento para torná-lo ilegal deveria haver vários (motivos)

